



Jonas Sâmí Albuquerque de Oliveira. Enfermeiro, Professor Assistente II da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutorando em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem PEN/UFSC. Membro dos Grupos de Pesquisa Caleidoscópio da educação em enfermagem/UFRN e PRAXIS: Trabalho, Cidadania, Saúde e Enfermagem/UFSC. Santa Catarina (SC), Brasil. E-mail: jonassamiufrn@yahoo.com.br

Denise Elvira Pires de Pires. Enfermeira, Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, Pós-Doutorado na University of Amsterdam, Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Departamento de Enfermagem e Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e membro do Grupo de Pesquisa PRAXIS: Trabalho, Cidadania, Saúde e Enfermagem. Santa Catarina (SC), Brasil. E-mail: piresdp@yahoo.com

A ATUALIDADE DO DEBATE SOBRE MERCADO DE TRABALHO EM ENFERMAGEM

O desejo de trabalhar como enfermeiro é manifesto desde as primeiras aulas dos cursos de graduação em enfermagem. A felicidade ao ingressar no curso e a inquietação pela descoberta ajudam a superar os obstáculos e a conquista do título. Chega o tão esperado momento: a busca pelo primeiro emprego. Para uns demora pouco, mas para outros pode resultar em desalento.

Considerando-se a dinâmica do mercado de trabalho, no âmbito internacional, verifica-se um paradoxo. De um lado, há um déficit numérico de profissionais da saúde, e dentre eles de enfermagem, para atender as necessidades de saúde e educação/formação. De outro, existem países e regiões onde há desemprego, assim como há migração em busca de melhores condições de trabalho.

Vivemos, atualmente, a proximidade do final do prazo estabelecido pela Organização das Nações Unidas para atingir os oito objetivos para o Desenvolvimento do Milênio, e ganha força nos debates a necessidade de incluir entre os objetivos para o pós-2015 a cobertura universal de saúde. A *Global Health Workforce Alliance* publicou, em 2013, um relatório no qual reconhece que “não há saúde sem a participação da força de trabalho”.

Essa afirmação inclui o reconhecimento de que o trabalho em saúde é um trabalho

especial e altamente dependente da relação entre quem cuida e quem é cuidado, e que o resultado deste trabalho depende da ação direta do trabalho humano. A *Global Health Workforce Alliance* mostra, também, que para alcançar o objetivo de cobertura universal é preciso priorizar o investimento na força de trabalho, é necessário investir na formação de profissionais qualificados e em número suficiente para atender as necessidades de saúde, que são múltiplas, complexas e se modificam ao longo do tempo.

É preciso considerar o macro cenário histórico social do qual o setor saúde é parte e que as flutuações da economia influenciam as prioridades, o investimento público, o mercado de trabalho e as condições de trabalho do conjunto dos profissionais de saúde, tanto no setor público quanto privado.

Ao refletirmos sobre o contingente de enfermeiros necessários para garantia da cobertura de universal de cuidado, é importante destacar que o mercado de trabalho em enfermagem é um fenômeno complexo e tem relação com as questões macrosociais como as flutuações da economia, as necessidades de saúde e a definição das políticas de saúde; também é influenciado pela capacidade destes profissionais intervirem na formulação de políticas educacionais e assistenciais.

Atualmente, encontram-se na literatura internacional muitos estudos mostrando que o desempenho da economia modifica o mercado de trabalho e, também, a disponibilidade de

postos de trabalho para a enfermagem, como os de Alameddine e colaboradores, publicado em 2012 no Israel *Journal of Health Policy* e Buchan e colaboradores, publicado em 2013 no *Journal of nursing scholarship*.

Nos períodos de crise econômica há cortes orçamentais e redução de investimentos no setor saúde, acarretando demissões e congelamento de contratações. As crises influenciam diretamente o mercado de trabalho dos enfermeiros, pois esta parcela de profissionais compõe o maior grupo profissional da área da saúde e é fortemente afetado pela redução de custos e pelos cortes orçamentários institucionais.

Vale considerar que a definição de prioridades de saúde pelos países influencia na redução, manutenção ou expansão dos serviços de saúde, no entanto, independente de governos, saúde é uma questão que diz respeito a vidas humanas, sendo impossível orientar-se somente por critérios econômicos.

Se a opção política for por prover acesso universal, considerando-se a disponibilidade e distribuição atual da força de trabalho de enfermagem no mundo, a tendência majoritária é de expansão de vagas no mercado de trabalho e aumento do número das contratações destes profissionais, no entanto, se a opção for pela oferta de serviços segundo a lógica de mercado, nas situações de crise econômica, a tendência é de adoção de medidas para reduzir custos com impacto negativo nas condições de trabalho e na disponibilidade de postos de trabalho.

No que diz respeito à relação entre número e qualificação da força de trabalho de enfermagem e os resultados obtidos no setor, um estudo publicado na revista *Lancet*, em maio de 2014, de autoria de Linda Aiken e colaboradores, mostra que existe relação da mortalidade em hospitais e o número e qualificação dos enfermeiros. O estudo realizado em 300 hospitais de nove países europeus mostrou que quanto maior é a sobrecarga de trabalho dos enfermeiros (relação número de pacientes/enfermeiro) e menor a escolaridade (nível educacional) maior é a mortalidade dos pacientes que foram internados para realizar cirurgias comuns/usuais. Os autores concluem que cortes nos custos com a enfermagem podem reduzir os gastos com o setor, mas que, adversamente, pioram os resultados do serviço, e o aumento na educação das enfermeiras pode reduzir mortes preveníveis em hospitais.

Os estudos sobre mercado de trabalho dos profissionais de enfermagem mostram, ainda, a adoção da flexibilização das regras para absorver migrantes para ocupar os novos postos de trabalho que surgiram com a reengenharia hospitalar; mostram, também, que pode ocorrer exigência de profissionais com elevados graus de especializações, experiência profissional e fluência em línguas estrangeiras, e que pode haver mudanças no perfil das contratações como a redução de contratos dos mais jovens. Ao mesmo tempo, desempregam os mais velhos, mas podem recontratar enfermeiros com mais idade e tempo de experiência utilizando-se de nova modalidade contratual, inclusive por menores remunerações.

O debate sobre mercado de trabalho em saúde e da enfermagem é atual, desafiador e, principalmente, um campo no qual as tendências dependem do cenário macro social e econômico, de valores, opções políticas, e de ações coletivas. Não se trata de um assunto meramente corporativo, mas, de interesse de toda a sociedade.

THE CURRENT DEBATE ON LABOR MARKET IN NURSING

The desire to work as a nurse is clear from the first classes of courses in nursing. The happiness from entering the course and restlessness for discovery helps to overcome obstacles and winning the degree. The long-awaited moment comes: the search for the first job. For some, this is quick but for others it may result in disappointment.

Considering the dynamics of the labor market in the international arena, a paradox is observed. On the one hand, there is a numeric deficit of health professionals, and nursing professionals among them, to meet health and education/training demands. On the other hand, there are countries and regions where there is unemployment, just as there is migration in the search of better working conditions.

We live today near the end of the deadline set by the United Nations to achieve the eight Millennium Development goals, and discussions gain momentum about the need to include universal health coverage among the objectives post-2015. The *Global Health Workforce Alliance* published in 2013 a report acknowledging that "there is no health without the participation of the workforce".

This statement includes the recognition that the work in health is a special job and highly dependent on the relationship between caregivers and those cared for, and that the

result of this work depends on the direct action of human labor. The *Global Health Workforce Alliance* shows also that, to achieve the goal of universal coverage, it is necessary to prioritize investment in the workforce, invest in the training of qualified professionals, and acquire sufficient numbers to meet health needs, which are multiple, complex, and change over time.

We need to consider the macro social history scenario in which the health sector is part of it and the fluctuations of the economy influencing priorities, public investment, labor market, and working conditions of all health professionals, both in the public and private sectors.

When reflecting about the contingent of nurses needed to guarantee universal coverage of care, it is important to highlight that the nursing labor market is a complex phenomenon and relates to the macro social issues such as economic fluctuations, health needs, and health policymaking; it is also influenced by the ability of these professionals to intervene in the formulation of educational policies and assistance.

Currently, many studies in the international literature show that the economy performance modifies the labor market and availability of jobs in nursing such as Alameddine and collaborators, published in 2012 in Israel, in the *Journal of Health Policy*, and Buchan and collaborators, published in 2013, in the *Journal of nursing scholarship*.

During economic crises, budget cuts and reduction of investments in the health sector occurs and leads to layoffs and hiring freezes. Crises directly influence the labor market of nurses because these professionals comprise the largest group among healthcare professionals and are strongly affected by the reduction of costs and institutional budget cuts.

It is noteworthy to consider that the definition of health priorities in different countries influences the reduction, maintenance, or expansion of health services; however, independent of governments, health is an issue that concerns human lives and should not be driven only on by economic criteria.

If the political choice is providing universal access, taking into consideration the availability and current distribution of the nursing workforce in the world, the common trend is the expansion of vacancies in the labor market and increase in the number of hiring for these professionals, however, if the option is for the offer of services according to

the market's logic, in situations of economic crisis, the trend is for the adoption of measures to reduce costs with negative impact on working conditions and availability of jobs.

In regards to the relationship between number and qualification of the nursing workforce and results obtained in the sector, a study published in the journal *Lancet* in May of 2014 authored by Linda Aiken and colleagues shows that there is a correlation between the mortality ratio in hospitals and the number and qualification of nurses. The study was conducted in 300 hospitals in nine European countries and showed that the greater the workload of nurses (number of patients/nurse ratio) and the lower the schooling (education level) the greater the mortality of patients who were admitted to undergo common/usual surgeries. The authors conclude that cuts in nursing costs may reduce spending in the sector but adversely worsen the service results and that increased nursing education can reduce preventable deaths in hospitals.

Studies on the labor market of nursing professionals show the adoption of flexible rules to absorb migrants to fill new jobs created as the result of hospital reengineering; they also show that the requirement of professionals with high degrees of expertise, professional experience, and fluency in foreign languages can occur, and that there may be changes in the profile of hiring, such as reduction in hiring young professionals. At the same time, old professionals are laid off but they can be rehired as older nurses with more experience, using a new contractual modality including at lower salaries.

The debate about the labor market in health and nursing is current, challenging and, above all, a field in which the trends depend on the macro economic and social scenario, values, political options, and collective action. This is not a merely corporate matter but of interest to the society as a whole.

**LA ACTUALIDAD DEL DEBATE SOBRE
MERCADO DE TRABAJO EN
ENFERMERÍA**

El deseo de trabajar como enfermero es manifestado desde las primeras clases de los cursos de graduación en enfermería. La felicidad al ingresar en el curso y la inquietud por el descubrimiento ayudan a superar los obstáculos y la conquista del título. Llega el tan esperado momento: la búsqueda por el

primer empleo. Para unos demora poco, pero para otros puede resultar desalentador.

Considerándose la dinámica del mercado de trabajo, en el ámbito internacional, se verifica una paradoja. Por un lado, hay un déficit numérico de profesionales de la salud, y entre ellos de enfermería, para atender las necesidades de salud y educación/formación. Por el otro, existen países y regiones donde hay desempleo, así como hay migración en busca de mejores condiciones de trabajo.

Vivimos, actualmente, la proximidad del final del plazo establecido por la Organización de las Naciones Unidas para alcanzar los ocho objetivos para el Desarrollo del Milenio, y gana fuerza en los debates la necesidad de incluir entre los objetivos para el pós-2015 la cobertura universal de salud. La *Global Health Workforce Alliance* publicó, en 2013, un relatorio en el cual reconoce que “no hay salud sin la participación de la fuerza de trabajo”.

Esas afirmaciones incluyen el reconocimiento de que el trabajo en salud es un trabajo especial y altamente dependiente de la relación entre quien cuida y quien es cuidado, y que el resultado de éste trabajo depende de la acción directa del trabajo humano. La *Global Health Workforce Alliance* muestra, también, que para alcanzar el objetivo de cobertura universal es preciso priorizar el investimento en la fuerza de trabajo, es necesario invertir en la formación de profesionales cualificados y en número suficiente para atender las necesidades de salud, que son múltiples, complejas y se modifican a lo largo del tiempo.

Es preciso considerar el macro escenario histórico social del cual el sector salud es parte y que las fluctuaciones de la economía influyen en las prioridades, la inversión pública, el mercado de trabajo y las condiciones de trabajo del conjunto de los profesionales de salud, tanto en el sector público como privado.

Al reflexionar sobre el contingente de enfermeros necesarios para garantía de la cobertura universal de cuidado, es importante destacar que el mercado de trabajo en enfermería es un fenómeno complejo y tiene relación con los asuntos macro sociales como las fluctuaciones de la economía, las necesidades de salud y la definición de las políticas de salud; también es influenciado por la capacidad de éstos profesionales que intervienen en la formulación de políticas educacionales y asistenciales. Actualmente, se encuentran en la literatura internacional muchos estudios mostrando que el desempeño

de la economía modifica el mercado de trabajo y, también, la disponibilidad de puestos de trabajo para la enfermería, como los de Alameddine y colaboradores, publicado en 2012 en Israel *Journal of Health Policy* y Buchan y colaboradores, publicado en 2013 en el *Journal of nursing scholarship*.

En los períodos de crisis económica hay cortes en el presupuesto y reducción de inversiones en el sector salud, acarreando dimisiones y congelamiento de contratos. Las crisis influyen directamente en el mercado de trabajo de los enfermeros, pues esta parte de profesionales compone el mayor grupo profesional del área de la salud y es fuertemente afectada por la reducción de costos y por los cortes de presupuestos institucionales.

Vale considerar que la definición de prioridades de salud por los países influye en la reducción, manutención o expansión de los servicios de salud mientras que, independiente de gobiernos, salud es un asunto que habla respecto a vidas humanas, siendo imposible orientarse solamente por criterios económicos.

Si la opción política fuera por proveer acceso universal, considerándose la disponibilidad y distribución actual de la fuerza de trabajo de enfermería en el mundo, la tendencia mayoritaria es de expansión de vacantes en el mercado de trabajo y aumento del número de contratos de éstos profesionales, mientras, si la opción fuera por la oferta de servicios según la lógica del mercado, en las situaciones de crisis económica, la tendencia es de adopción de medidas para reducir costos con impacto negativo en las condiciones de trabajo y en la disponibilidad de puestos de trabajo.

En lo que respecta a la relación entre número y cualificación de la fuerza de trabajo de enfermería y los resultados obtenidos en el sector, un estudio publicado en la revista Lancet, en mayo de 2014, de autoría de Linda Aiken y colaboradores, muestra que existe relación de la mortalidad en hospitales y el número y cualificación de los enfermeros. El estudio realizado en 300 hospitales de nueve países europeos mostró que cuanto mayor es la sobrecarga de trabajo de los enfermeros (relación número de pacientes/enfermero) y menor la escolaridad (nivel educativo) mayor es la mortalidad de los pacientes que fueron internados para realizar cirugías comunes/usuales. Los autores concluyen que cortes en los costos con la enfermería pueden reducir los gastos con el sector, pero que, adversamente, empeoran los resultados del

servicio, y el aumento en la educación de las enfermeras puede reducir muertes prevenibles en hospitales.

Los estudios sobre mercado de trabajo de los profesionales de enfermería muestran, además, la adopción de la flexibilidad de las reglas para absorber migrantes para ocupar los nuevos puestos de trabajo que surgieron con la re-ingeniería hospitalaria; muestran, también, que puede ocurrir exigencia de profesionales con elevados grados de especializaciones, experiencia profesional y fluencia en lenguas extranjeras, y que puede haber mudanzas en el perfil de las contrataciones como la reducción de contratos de los más jóvenes. Al mismo tiempo, desemplean los más viejos, pero pueden recontratar enfermeros con más edad y tiempo de experiencia utilizándose de nueva modalidad contractual, inclusive por menores remuneraciones.

El debate sobre mercado de trabajo en salud y de la enfermería es actual, desafiante y, principalmente, un campo en el cual las tendencias dependen del escenario macro social y económico, de valores, opciones políticas, y de acciones colectivas. No se trata de un asunto meramente corporativo, sino de interés de toda la sociedad.



Correspondência

Jonas Sâmi Albuquerque de Oliveira
 Residencial Colibri I
 Rua Goianinha, 22. Ap. 103
 Nova Parnamirim
 CEP 59150-480 – Parnamirim (RN), Brasil